

A AULA MÁGICA DE LUIS ALBERTO WARAT:
Genealogia de uma Pedagogia da Sedução para o Ensino do Direito

Leonel Severo Rocha¹

PRÓLOGO

Em um romance famoso durante a revolução francesa nas masmorras de Paris uma mulher morria ao dar a luz a um filho: - quem proverá essa criança? Perguntavam-se todos! Essa sensação de orfandade atingiu a todos nós e marcou para sempre o imaginário das Faculdades de Direito do Brasil em dezembro de 2010.

1.INTRODUÇÃO

Em 1977, a Coordenação do Curso de Direito da UFSM, convidou alguns alunos para assistirem a uma palestra de um professor argentino. Os quatro interessados em Filosofia do Direito imediatamente compareceram: Antonio Flávio Xavier, Reni Pires, Juan Carlos Duran e eu. O professor chamava atenção pelo fato de estar vestido, por baixo de um casaco de veludo marrom, com uma camisa de seda com pequenos orifícios, os quais, ao nos aproximarmos, percebemos que eram provocados pelas cinzas de um cigarro que somente era retirado da boca pela substituição de um novo. Porém, o mais surpreendente era a temática abordada: O Direito e a sua Linguagem. A base epistemológica era a teoria de Gaston Bachelard e a Semiologia de Saussure. Hoje, trinta e cinco anos depois, ainda tenho presente em minha memória esse dia.

Luis Alberto Warat é um grande pensador que, a partir de um sólido conhecimento do Direito, transita livremente desde a filosofia, psicanálise, literatura até a teoria do Direito. Com suas ideias contestadoras e radicais, vindas de lugares inesperados, marcou profundamente o universo jurídico. Warat sempre foi Professor de Direito. A sua vida se confunde com a história da crítica do Direito que caracterizou a pós-graduação brasileira dos anos oitenta, onde formou muitos juristas que hoje são destaque no cenário nacional. Warat teve como grande diferencial a capacidade de

¹ Dr. EHESS-Paris. Pesquisador do CNPq. Coordenador e Prof. Titular do PPGDireito da Unisinos.

inspirar pessoas e reunir amigos em torno de suas ideias, motivação que por si só transformava qualquer encontro em um espaço de grande afetividade e genialidade.

Em outubro de 2011, durante o II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores de Sociologia do Direito, Abrasd, realizado em Porto Alegre, ministrei palestra em homenagem a Luis Alberto Warat, intitulada *Aula Mágica*². De alguma maneira, entendo que esses significantes atraem no outro a compreensão da possibilidade de existência de um professor capaz de produzir em seus alunos a sensação de que eles são protagonistas. Um professor que comunica ao exigir a abertura do sentido. Não pretende exercer uma postura dominadora e centralizadora do processo pedagógico, mas uma atitude capaz de proporcionar um *tapete mágico* onde os alunos começassem a assumir um papel mais ativo nessa viagem. Com isso revelou o segredo para um momento importantíssimo de criação, quando um professor conseguiria transformar a sala de aula num lugar mágico, onde se criaria algo que, a princípio, seria impossível. Esse processo pressupõe a afetividade como um elemento fundamental.

Na constituição desses espaços é notável a capacidade de Warat em fazer com que todos os seus alunos se sentissem como sendo prediletos. Como um bom sedutor, todos se sentiam escolhidos. Uma espécie de Don Juan dos professores, num bom sentido, ou em todos os sentidos. Embora todos os alunos se sentissem privilegiados, por acharem terem sido escolhidos por ele, lamento dizer, nem todos eram contemplados. Esta é a ideia da Aula Mágica. A partir da afetividade todos sentem a capacidade de participar e construir, desde a sala de aula, um novo mundo.

No presente texto, assim sendo, farei um breve histórico do pensamento de Luis Alberto Warat, centrado em uma espécie de gênese do seu pensamento. Pretende-se realizar, portanto, uma perspectiva de observação possível sobre Warat; uma visão, que outras pessoas localizadas em outros lugares, talvez tenham percebido de outra maneira.

Como se sabe, o Warat é um argentino, ao menos na origem, pois ele brincava dizendo que era o único latino americano que tinha dupla nacionalidade na América Latina. Normalmente se escolhe um país europeu para ter dupla nacionalidade, mas ele escolheu o Brasil por opção, e os baianos estão de parabéns, pois ele dizia que o lugar em que ele mais se identificava era a Bahia, assumindo abertamente sua influência e

²Este texto é em grande parte a transcrição desta palestra. Em homenagem a Warat usarei o mínimo de citações necessárias.

fascínio. Por tudo isto, não existe de maneira nenhuma uma interpretação oficial de Warat. O que se pretende fazer aqui é mais um depoimento.

2. MAIO DE 68: Um Momento Inspirador

A Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires foi o palco argentino da formação jurídica de Luis Alberto Warat, inclusive onde ele realizou o seu Doutorado entre 1969 e 1972. Este período histórico é esclarecedor, e deve ser levado sociologicamente em consideração, pois, este acontecimento, maio de 68, coincide com o início de seu curso de doutoramento. Nestes anos, emerge na França, uma revolta cultural que denunciava, sobretudo, a crise da universidade. Claude Lefort e Edgar Morin chamaram essa quase ruptura de “*La Brèche*”. Durante o seu doutorado ele vivenciaria existencialmente esse furacão que derrubou o método de ensino tradicional no ocidente.

Não é sem motivo, então, o fato de que muitos dos eventos que nós realizamos, traziam como temática reflexões sobre Maio de 68. Realmente foi uma cicatriz social cujo significado, inesgotável, acabou com a legitimidade do ensino tradicional. Nesse percurso, se colocou os estudantes como foco principal da sociedade, e a importância do prazer, do desejo e da criatividade na educação. Ou seja, Warat é alguém que, na América Latina, percebeu imediatamente esse movimento, que chegaria ao Brasil, como se sabe, muito tempo depois. Claro, um dos motivos pelos quais existiu certa demora foi porque, nesse período, o país vivia uma ditadura militar.

Esse é um dos motivos-chaves para se deixar envolver e acompanhar sem preconceitos a vida de Warat (e de toda uma geração). O Brasil em 1964 teve uma ditadura militar, e, posteriormente, a Argentina também sofreria com alguns períodos de autoritarismo. O fato é que o mundo inteiro estava passando por um movimento, uma mudança cultural extraordinária, e, Warat percebeu isto com uma rara lucidez (algo que alguns medíocres perceberam somente anos depois), apesar dos mecanismos de censura que todos conhecemos. Ele teve a perspicácia e a coragem de construir, e dar forma, no meio das lavas do vulcão, um pensamento crítico arrasador.

3. BUENOS AIRES E A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA ANALÍTICA

Luis Alberto Warat durante o seu doutoramento na Universidade de Buenos Aires sofreu forte influência da Filosofia Analítica. Inicialmente, foi orientado por *Ambrosio Gioja*, que era um professor extremamente rigoroso e formalista. Durante a orientação ocorre o seu falecimento, e Warat passou a ser orientado por Roberto José Vernengo. Os dois professores orientadores tinham uma postura extremamente distanciada dos alunos, dois catedráticos, tidos por Warat, como sendo muito esnobes.

Esse tipo de Professor iria marcar profundamente Warat, que sempre teceu fortes críticas a esse modelo docente, às vezes ocultas, às vezes mais declaradas. Ele discordava drasticamente da metodologia de mestres que ministram suas aulas magistralmente, e exigiam que os alunos apenas seguissem o que eles determinassem.

Nessa ótica, Warat formularia toda uma proposta pedagógica, que, no começo, consistiria em uma forma de compreensão e experiência do mundo, na medida em que ia, dialeticamente, negando os professores mais importante que teve. A Faculdade de Direito de Buenos Aires, coloca um ponto de partida para entender Warat: um grande conhecimento de filosofia analítica e do normativismo, na linha de um autor chamado Hans Kelsen. Embora, em seus estudos, nos últimos anos de seu doutoramento, inicie o declínio da filosofia analítica, que surge, principalmente, com as críticas de Alf Ross.

O realismo jurídico demonstrou que a teoria normativista era insuficiente para explicar o Direito, pois deixava de lado a sociedade. O marxismo também levantou os comprometimentos ideológicos da pseudoneutralidade do normativismo. A partir deste debate, na Argentina, houve um espaço para estudos sobre a linguagem na linha do segundo Wittgenstein e da Semiologia. Neste contexto, não é por acaso que Warat iria decidir elaborar a sua tese sobre *Semiótica Jurídica*³.

Na época, devido a forte influência da Filosofia Analítica inglesa em Buenos Aires, existia uma grande preocupação em publicar textos mais na Inglaterra, do que na Argentina. Tanto é que existiu um célebre concurso para professor titular da Universidade de Buenos Aires, no qual Warat participou (e eu presenciei), em que ele e todos os outros candidatos foram reprovados, porque a banca dizia que os postulantes não tinham publicações sérias, de forma que, por este motivo, não considerava nenhum

³ O livro “O Direito e sua Linguagem” publicado em Porto Alegre pela SAFE em 1984, com a nossa colaboração, resume essa questão.

deles como detentor de um currículo suficiente. Na oportunidade, ajudei Warat a levar para a banca mais de trinta livros de sua autoria, que não foram devidamente valorizados por tratarem de temáticas “críticas” do Direito; portanto, não científicas. Em razão disso, o seu currículo não foi aceito⁴.

3. APROXIMAÇÕES COM AUTORES BRASILEIROS

No início, a literatura seria o caminho de fuga. Recorrendo a escritores argentinos, como Cortazar e Borges, Warat procuraria o fantástico. Depois ele se interessaria por leituras de autores brasileiros, como por exemplo, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Jorge Amado, que trabalhavam mais questões nacionais. Um livro que impressionaria Warat seria Macunaíma. Neste sentido, simbolicamente, Warat começou a agir como tendo um alter ego Macunaíma.

E, desse modo, vivenciaria dialeticamente um choque entre a sua identidade argentino-judaica e o fascínio da liberdade de ser um *malandro*, algo voltado para uma síntese antropofágica. Estamos assim a um passo do surrealismo.

4. TESE DE DOUTORADO E A PREOCUPAÇÃO COM O ENSINO JURÍDICO

A tese de doutorado waratiana naturalmente seria sobre Semiótica e Direito. A Semiótica poderia ver vista como uma metodologia crítica do ensino do Direito. Começa a surgir uma tese muito forte: se o ensino do Direito baseado na analítica é um ensino conservador e dogmático, talvez aí esteja o problema.

Portanto, é preciso mudar o ensino e com isso surge a ideia da ALMED - Associação Latino Americana de Metodologia do Ensino do Direito - uma associação voltada a crítica da Epistemologia dominante no Direito. Uma teoria que hoje se aproxima muito daquela do Warat é a de Humberto Maturana. Para este último, criador da teoria da autopoiese, o centro de toda a comunicação, é a *aprendizagem*. A questão relevante residiria assim no seguinte ponto: como aprender? Assim, a metodologia do ensino é o caminho para se repensar a aprendizagem e, a partir daí, produzir condições

⁴ A obra de Warat é muita extensa. Entre tantos, sugiro para uma boa iniciação, os seguintes livros: Introdução Geral ao Direito, 3 volumes, Porto Alegre: SAFE; e a Coleção LAW, 4 volumes, publicada em Florianópolis pela Fundação Boiteux.

de mudança na vida das pessoas. Esse era o ideal que Warat sempre defendeu, por meio da ALMED.

5. WARAT NO BRASIL: a partir de Santa Maria

Warat, Doutor, vai ao Rio de Janeiro, convidado por Joaquim Falcão, para ministrar um curso na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ. Por motivos pessoais e políticos decide fixar residência no Brasil. Depois de alguns trabalhos, terminou indo para UFSM em 1977 (provavelmente pela proximidade com a Argentina). Em Santa Maria, em 1979, organizou, no sul do Brasil, um encontro onde já figuravam grandes nomes como, o próprio Joaquim Falcão, Tércio Sampaio Ferraz Júnior, Aurélio Wander Bastos, e outros; culminando com a fundação da Almed-Brasil. Posteriormente, ocorreu um encontro na cidade de Santo Ângelo, com a criação do núcleo missionário.

6. EM FLORIANÓPOLIS

No final dos anos setenta estavam sendo criados os primeiros Programas de Mestrado em Direito conforme as exigências da Capes, e um dos pioneiros foi o da Universidade Federal de Santa Catarina. Contudo, na época enfrentava-se um grande problema para constituir o corpo docente desses programas. Tratava-se do pouco número de doutores no mercado. Assim, quando se ficou sabendo que Luis Alberto Warat, residia em Santa Maria, o coordenador do Mestrado em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, Prof. Paulo Blasi, foi buscá-lo; e ele terminou assumindo como professor de Filosofia do Direito. Graças a Warat, o curso foi facilmente credenciado pela Capes.

Entretanto, no PPGD-UFSC, o trabalho de Warat passou a ter uma ressonância muito maior. Assim como eu, outros alunos que estiveram com Warat em Santa Maria⁵, o seguiram também para Santa Catarina. Vieram alunos de todo Brasil, e, inclusive da Argentina. Em razão disso é fácil perceber que a partir do período em Florianópolis as ideias waratianas passaram a se difundir por todo o país.

⁵Eu iniciei o Mestrado em Florianópolis em 1980, defendendo a dissertação em fevereiro de 1982, em um período de trabalho profundamente compartilhado com Warat, que foi o orientador.

7. REENCONTRO COM KELSEN: concurso para professor em Florianópolis

Warat decidiu fazer o concurso para professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Nessa oportunidade, o tema indicado por Warat, para a apresentação de sua tese foi: "Reencontro com Kelsen". Convém mencionar que Kelsen se tornou um autor emblemático porque, de alguma maneira, quando Warat criticava o Direito, também estava criticando o modelo kelseniano. Obviamente nem todo jurista pensa como Kelsen, mas Warat sempre criticava a dogmática como se fosse inspirada no autor da Teoria Pura do Direito. Esse "Reencontro com Kelsen" foi uma maneira que ele encontrou para apresentar a sua tese e, ao mesmo tempo, retomar esse debate. Uma das coisas que nós pensamos na época, e depois Warat conseguiu realizar, foi fazer o "Kelsen em quadrinhos".

Do mesmo modo, nos anos oitenta, igualmente repercutiu em Florianópolis um movimento que já existia na Europa, mas que aí se tornou muito forte, de cunho marxista, assentado na proposta de uma *Teoria crítica do Direito* (alguns grupos também denominaram de *Uso Alternativo do Direito*). Warat entendia que se deveria contrapor a *Teoria Crítica à Dogmática Jurídica*. E para se referir a isso de modo mais criativo e até bem humorado, Warat se utilizaria, mais tarde, da ideia dos "*pinguins*". Dizia que o sonho de todo estudante de Direito era se tornar o que já são os profissionais da nossa área: "pinguins". Todos iguais, sem desejos, sem vontades, uma padronização, além de tudo, estética. E, sobretudo, conformista e comprometida com os valores dos grupos dominantes.

8. A REVISTA CONTRADOGMÁTICA

Um dos frutos desse período em Florianópolis foi, portanto, a revista *Contradogmática*. Uma revista que nós fizemos quase artesanalmente em 1980. O título foi sugerido por André-Jean Arnaud, que sempre enviava algum artigo da França. Foi uma publicação importante, uma das primeiras revistas críticas que surgiram no Brasil desta época.

9. UMA FASE MUITO PRODUTIVA: Várias publicações e muita criatividade

Neste período em Florianópolis, Warat começou a publicar vários livros criticando o Direito, e o que muitos falam hoje como uma nova Hermenêutica Jurídica, ele já pensava desde aquela época. Nesse sentido, se poderia citar os livros "Mitos e Teorias da Interpretação da lei" ou mesmo "Direito e sua linguagem". Muitos estão hoje descobrindo o que Warat, de certa forma, já havia mencionado naquela época, às vezes inclusive sem citá-lo. Por isso, deve ficar claro que desde o final dos anos 70, início dos anos 80, já havia em Warat uma forte análise crítica à interpretação formalista da lei. Existe, assim, um momento extremamente criativo em Florianópolis, no qual Warat começa a liderar a crítica, tendo influências teóricas surpreendentes para quem é da área do Direito. Por exemplo, surge a noção de carnavalização, o Manifesto do Surrealismo Jurídico, a Cinesofia, e a ideia de uma Pedagogia da Sedução.

O conceito de Carnavalização, que aparece em Bakhtin (autor russo) em um primeiro escrito, na perspectiva waratiana, sugere que para se pensar o Direito é preciso uma linguagem carnavalizada, sem um lugar único, ou ponto certo, constituindo basicamente uma polifonia de sentidos. Trata-se de uma linguagem que não possui um centro, configurando-se em um lugar onde todos podem falar.

Porém, no Manifesto do Surrealismo jurídico começam a nascer rompantes de imensa criatividade, definindo o novo pensamento waratiano. O surrealismo é muito importante, porque graças a ele, Warat postula, e os seus alunos ainda mais, que o que se pensa pode acontecer. Essa é uma ideia baseada na psicanálise e nas loucuras de Breton. Ou seja, a realidade é criada pela nossa imaginação. Também se pode mencionar, na data, um outro texto: "Manifestos para uma ecologia do desejo"⁶.

Do mesmo modo, divulgando suas teorias, na cidade de Curitiba, Warat também fez vários encontros sobre *o amor*. Seminários onde se relacionava o Direito com o amor. Começa-se a sair da sala de aula. As coisas vão acontecendo fora da instituição e isso configura a sua grande crítica ao ensino do Direito. Finalmente, o mais importante seria, para a construção do saber, a liberação da afetividade, e precisamos de outros lugares para isso. Com o livro *o Amor Tomado pelo Amor* surgiu a proposta de se fazer um *filme* com o mesmo título, inspirado no cinema cubano. Porém Warat que tentou colocar uma atriz cubana como protagonista, nunca gostou da versão realizada.

⁶ WARAT, Luis Alberto. *Manifestos para uma ecologia do desejo*. São Paulo: Acadêmica, 1990.

Por outro lado, outro aspecto marcante do pensamento waratiano é o fato de que a literatura passa a aparecer cada vez com mais intensidade. Warat seria também o primeiro a ministrar a disciplina de *Linguagem e Argumentação Jurídica*, em Florianópolis. Para tanto, ele utilizaria o livro "O nome da rosa" de Umberto Eco, como texto da disciplina, algo surpreendente para muitos. Também teve interesse por Jorge Amado, tendo lugar de destaque, um de seus livros mais famosos, revisto como: "A Ciência Jurídica e seus dois Maridos"⁷. Jorge Amado, para ele, era inovador pela possibilidade que tem dona Flor de conciliar dois tipos de personagens diferentes, como maridos. Ele brincava muito com isso. No livro inspirado em Jorge Amado, ele coloca dois pontos opostos, uma pessoa mais racional e outra mais sentimental (vamos dizer assim). Warat vai criticar duramente o formalismo e a criação desses espaços dotados de verdade única como polo dominante no Direito.

Para aplicar suas teses, Warat propõe, como uma espécie de cartografia, a *Didática da Sedução*: um território onde as pessoas se apaixonam pelo saber. Assim, ao mesmo tempo em que ele pensava a sala de aula, também apresentava duras críticas ao universo jurídico, direcionadas tanto, ora para juízes, como, ora para promotores (e também para professores), que eram os Teodoros da história. Assim, ele iria preparando a saída da sala de aula (e do Direito oficial). Para tanto, uma das estratégias que Warat também adotaria foi o tema da *mediação*, compreendida por ele como um espaço onde realmente as pessoas poderiam, talvez, manifestar e demonstrar seus desejos. Em todo esse processo permeava um tema muito forte, que trazia o seguinte questionamento: qual seria o ensino ou a didática mais adequada? Para Warat, era preciso um ensino voltado ao prazer, que ele chamou de *Didática da Sedução*. Não é fácil, mas todo o professor deveria ser um sedutor.

10. BALANÇO DA VIDA: protagonista em seus textos

Pode-se perceber, em textos que vão de 1997 a 2000, que Warat começa a fazer uma espécie de balanço de sua vida. Já havia ocorrido uma Parada da Meia-idade em 1990. Mas, a virada do milênio é um significativo tanático. Tudo isto porque, cada vez mais, o crepúsculo, colocava-o como um personagem, protagonista, de tudo. Na ânsia de aproveitar ao máximo o prazer da vida. O famoso caderno de anotações, *borrador*,

⁷ WARAT, Luis Alberto. *A Ciência Jurídica e seus dois maridos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

que segundo Russo, o acompanhava até na banheira (Prefácio de *Derecho al Derecho*), seria substituído pelo notebook, transformando-se em um blog.

Realmente, o blog foi usado por Warat como forma de comunicação simbólica universal para colocá-lo democraticamente em rede (luisalbertowaratblogspot). Warat deixaria de ser um privilégio de poucos, para entrar no ciberespaço. Houve projetos até de se fazer um canal de TV, que experimentalmente se chamou *Arte e Direito*. Deste modo, conseguiu assimilar facilmente novas tecnologias. Com o seu blog, adotou a ideia da aprendizagem em rede, como exatamente aquilo que ele precisava para sair da prisão da sala de aula.

11. OS CABARÉS: a saída da sala de aula

Outrossim, em consonância com tudo isso, Warat recriaria a ideia de *Cabarés*. Trata-se de uma inspiração que ele trazia de sua juventude, ou seja, de utilizar o teatro como uma forma de expressão. Entendia ele que as pessoas que estão estudando precisam ter a possibilidade de expressar seus dons e competências mais profundos, e o professor teria como principal função permitir isso. Assim, desde as formas artísticas mais tradicionais, música, poesia, até as mais inusitadas, todos merecem um instante, pelo menos, das luzes do cabaré. De qualquer maneira, seria um lugar de liberação, inclusive sexual. Então, o cabaré seria um espaço fantástico, que de alguma forma responderia a questão que coloquei no início: a construção de um portal diferenciado que pode ser chamado de *Aula Mágica*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Aula Mágica e a pedagogia waratiana da sedução

A Aula Mágica é um Cabaré. O mal estar da civilização é a repressão do desejo. As pessoas vivem em uma sociedade de incertezas, quanto ao que é certo ou errado, dominadas pela tecnologia e o consumismo. Então, em uma sociedade desse tipo, o mais importante, talvez, seja ter, ao menos, alguns momentos de prazer. Esse, junto com a afetividade, talvez seja o caminho. Se na universidade não tenho esse lugar: invento o Cabaré.

No início, houve o Cabaré Macunaíma, em homenagem a literatura antropofágica brasileira; depois, os cafés filosóficos, que transformavam uma mesa de bar em um circo mambembe. Tudo isso atravessado pelo amadurecimento do blog. Houve até um momento Warat-Avatar. Mais tarde, com a materialização (mágica) da Casa Warat, este movimento rompeu todas as fronteiras. A partir daí, Warat tem compartilhado como nunca, com todos, os seus cúmplices a solidariedade do desejo.

Warat, insisto, nos ensinou com seu próprio exemplo que é possível desenvolver uma pedagogia voltada à criatividade. Como exemplo de sucesso desta pedagogia, nós temos que, todos os alunos mais diretos do Warat conhecem muito bem a teoria de Kelsen. Mas, Warat, poucas vezes, ensinou Kelsen em sala de aula. Tratava de ensinar com paixão e criatividade, colocando as pessoas no centro do processo didático. Embora, não se ensinasse, às vezes, diretamente o tema, as pessoas vivenciavam um processo de aprendizagem. Isto quer dizer que, com Warat, se aprendia Kelsen sem ter grandes aulas magistrais. Criava-se uma motivação, um desejo, e as pessoas participavam de forma ativa desse processo. Essa didática waratiana é extremamente interessante, porque, ao contrário, do que todo professor tradicional pensa, somente se tem acesso ao saber, e a construção de memória, com afetividade. Pelo menos essa é a interpretação que eu faço da didática waratiana.

São Leopoldo, 14 de dezembro de 2012.